

Sei exatamente o momento em que a minha vida se alterou. O preciso instante em que os olhos dele fitaram os meus e eu deixei de ver a inexpressiva familiaridade, mas antes perigo e fogo, desejo e fome.

Talvez devesse ter virado costas. Talvez devesse ter fugido.

Não o fiz. Desejava-o. Mais: precisava dele. Do homem e do fogo que ele ateava dentro de mim.

E, nos seus olhos, vi que ele também precisava de mim.

Foi esse o momento em que tudo mudou. Sobretudo eu.

Mas se mudou para melhor ou para pior... bom, isso está ainda por determinar.

Mesmo morto, o meu tio Jahn sabia dar uma festa incrível. A sua *penthouse* de Chicago, à beira do lago, estava a rebentar pelas costuras com um conjunto eclético de enlutados, sendo que estes, na sua maioria, tinham bebido tanto vinho na famosa adega de Howard Jahn que qualquer melancolia que tivessem trazido fora docemente apagada, e o velório, cerimónia de homenagem ou lá o que se quisesse chamar-lhe, já não estava minimamente triste. Políticos confraternizavam com financeiros, que se misturavam com artistas e académicos, e toda a gente sorria, ria e brindava ao defunto.

Respeitando os seus desejos, não tinha havido um funeral formal. Apenas uma reunião de amigos e família, comida e bebida, música e alegria. O Jahn — ele detestava o nome «Howard» — levava uma vida vibrante, algo que se tornava evidente então, após a sua morte.

Eu sentia tanto a sua falta, caramba, mas não tinha chorado. Não gritara nem arengara. Não fizera coisa alguma, na verdade, exceto avançar pelos dias e pelas noites numa névoa de emoções, com a mente entorpecida. O corpo anestesiado.

Suspirei e dedilhei o pendente da minha pulseira de prata. Ele tinha-me oferecido a minúscula motocicleta apenas um mês antes, e o presente fizera-me sorrir. Eu já não falava de ter vontade de andar de moto desde antes do meu 16.º aniversário, e já se tinham passado anos desde que montara uma, abraçada a um rapaz, com os braços a apertar-lhe a cintura e o cabelo ao vento.

Mas o tio Jahn conhecia-me melhor do que qualquer outra pessoa. Para lá da princesa, via a rapariga que se ocultava no interior. Uma rapariga que construía muros por necessidade mas que continuava desesperada por se libertar. Que ansiava por enfiar um par de calças de ganga bem surradas, agarrar num velho blusão de cabedal e perder um pouco a cabeça.

Por vezes, ela até fazia isso. E havia vezes em que a coisa não acabava nada bem.

Apertei o pendente com força enquanto a memória do Jahn a dar-me a mão — a prometer que guardaria os meus segredos — me acometia, trazendo-me lágrimas aos olhos. Ele devia estar ao meu lado, raios, e as vagas de riso e conversa que enchiam aquele espaço estavam a deixar-me um pouco agoniada.

Apesar de saber que era o que o Jahn queria, só a custo não desatei a bater nas pessoas que me abraçavam e murmuravam delicadamente que ele agora estava num sítio melhor e que era maravilhoso que tivesse tido uma vida tão plena. Isso era cá uma treta... Ele ainda nem tinha 60 anos. Homens enérgicos na casa dos 50 não deviam cair fulminados por um aneurisma, e o universo não tinha suficientes citações de cartões *Hallmark* para me fazer pensar o contrário.

Nervosa, ia passando o peso de um pé para o outro. Havia um bar do outro lado da sala, e eu tinha-me posto o mais longe possível dele, pois estava ávida por sentir o ardor da tequila. Queria soltar-me, explodir através da dormência que me envolvia como um casulo. Correr. *Sentir*.

Mas isso não ia acontecer. Naquela noite, não haveria álcool a passar-me pelos lábios. Afinal, eu era a sobrinha do Jahn, o que me transformava numa espécie de anfitriã; por convenção, tinha de ficar na *penthouse*. Apesar dos seus quase 400 metros quadrados, sentia as paredes cobertas de obras de arte a oprimirem-me.

Queria subir a correr pela escada de caracol até ao pátio do terraço e saltar da varanda para o céu cada vez mais escuro. Queria voar sobre o lago Michigan e o mundo inteiro. Queria partir coisas,

gritar, resmungar e praguejar contra o maldito universo que tinha levado um homem bom.

Merda. Inspirei fundo e olhei para o magnífico caderno de aspecto antigo dentro do expositor de vidro e cromo ao qual tinha estado encostada. O exemplar encadernado a couro era uma cópia excepcionalmente bem conseguida de um caderno de Da Vinci descoberto havia pouco tempo. Conhecido como *Bestiário*, continha 16 páginas de esboços de animais e estava aberto a meio, revelando um extraordinário esboço que o jovem mestre fizera — o seu estudo do famoso, ainda que nunca encontrado, escudo do dragão. O Jahn tinha tentado adquirir o caderno original, e lembro-me de quão zangado ficara ao perdê-lo para o Victor Neely, outro negociante de Chicago com um espólio que rivalizava com o seu.

Na altura, eu tinha acabado de entrar para a Universidade Northwestern, para uma licenciatura em Ciências Políticas, complementada por cadeiras de História da Arte. Não sou especialmente talentosa, mas toda a vida desenhei e sou fascinada por arte — e, em particular, por Leonardo da Vinci — desde que os meus pais me levaram a um museu pela primeira vez, tinha eu 3 anos.

Eu achava que o *Bestiário* era assombroso e tinha ficado tão irritada quanto o meu tio, que não só o perdera mas ainda vira sal a ser-lhe posto na ferida quando a comunicação social alardeara a incrível nova aquisição do Neely.

Cerca de um ano depois, o Jahn tinha-me mostrado o fac-símile, claro e lustroso, no expositor feito à medida. Por regra, o meu tio nunca adquiria cópias. Se não podia ter o original — fosse um Rembrandt, um Rauschenberg ou um Da Vinci —, simplesmente partia para a próxima. Quando lhe perguntei por que abrira uma exceção para o *Bestiário*, ele encolheu os ombros e disse-me que as imagens eram pelo menos tão interessantes quanto a proveniência. «Para mais, qualquer um que seja capaz de reproduzir fielmente um Da Vinci criou sozinho uma obra-prima.»

Apesar de não ser autêntico, o caderno era o meu preferido entre os numerosos manuscritos e artefactos do Jahn, e agora, com as

mãos a fazerem pressão no vidro, sentia que, de alguma forma, ele estava ali ao meu lado.

Inspirei fundo, ciente de que tinha de me recompor, mais não fosse porque, quanto mais de rastos parecesse, mais convidados tentariam animar-me. Não que eu parecesse particularmente destroçada. Quando se é Angelina Hayden Raine, com um pai no Senado dos Estados Unidos e com uma mãe que faz parte dos conselhos diretivos de mais de uma dúzia de ONG internacionais, desde muito cedo se aprende a diferença entre a fachada pública e um rosto privado. Sobretudo quando se tem também segredos.

— Mas que merda! Só me dá vontade de gritar.

Senti um sorriso ténue a aflorar-me aos lábios e, ao virar-me, deparei com os olhos raiados de sangue da Kat.

— Oh, raios, Angie — disse ela. — Ele não devia ter morrido.

— Ficaria zangado se soubesse que estás a chorar — respondi-lhe enquanto pestanejava para me livrar das últimas lágrimas que também tinha nos olhos.

— Que se lixe.

Quase me ri. A Katrina Laron tinha o dom de ir direta à questão, sem se perder em verborreias.

Não sei qual de nós se inclinou primeiro, mas apertámo-nos num abraço esmagador. Fungando um pouco, afastei-me por fim. Talvez fosse perverso, mas bastava-me saber que havia outra pessoa a reconhecer o absoluto horror da situação para me sentir um nadinha melhor.

— Sempre que dobro uma esquina, tenho a impressão de que vou vê-lo — disse-lhe. — Quase tenho vontade de ter ficado na minha antiga casa.

Eu tinha-me mudado para ali quatro meses antes, quando o aneurisma do tio Jahn lhe fora diagnosticado. Pedira dispensa do trabalho — isso é fácil quando se trabalha para o tio. Durante duas semanas, fizera de enfermeira depois de ele chegar do hospital e, quando os médicos lhe deram alta — como se tivesse sido uma boa decisão —, aceitei o seu convite para me instalar ali de forma permanente.

Porque não? O apartamento minúsculo que eu partilhava com o meu amigo de toda a vida, o Flynn, não era exatamente o cúmulo do luxo. E, ainda que eu adorasse o Flynn, não era fácil coabitar com ele. Conhecia-me demasiado bem, e eu ficara sempre encavacada quando as pessoas viam o que eu queria manter oculto.

Agora, porém, eu ansiava tanto pelo conforto do meu pequeno quarto quanto pela presença constante do Flynn. Por mais que adorasse o apartamento, sem o meu tio tornava-se frio e vazio, e bastava-me estar lá para me sentir frágil. Como se, a qualquer momento, pudesse estilhaçar-me num milhão de pedaços.

Os olhos da Kat mostravam-se calorosos e compreensivos.

— Eu sei. Mas ele adorava ter-te aqui. Sabe Deus porquê — acrescentou, com um sorriso trocista. — Só dás problemas.

Revirei os olhos. Com 27 anos, a Katrina Laron tinha apenas mais quatro do que eu, mas isso não a impedia de sacar do título de «mais velha e mais sábia» sempre que tinha oportunidade de o fazer. O facto de nos termos tornado amigas em circunstâncias decididamente duvidosas também devia influenciar a questão.

Ela trabalhava num dos cafés de Evanston onde eu costumava abastecer-me de caféina durante o primeiro ano na Northwestern. Tínhamos conversado algumas vezes, com diálogos como «mais natas, por favor, que tem sido um dia de cão», mas não nos tratávamos propriamente pelo nome.

Tudo isso mudou quando nos encontrámos por acaso num dia em que uma dose extra de natas não me teria bastado. Foi nos armazéns Neiman Marcus de Michigan Avenue, onde eu estava a navegar em adrenalina, usando-a para amaciar as arestas vivas de um dia particularmente merdoso. Para ser específica, tinha acabado de succumbir aos meus demónios pessoais, deixando cair discretamente na mala um par de brincos que, como estavam em saldo, custavam 15 dólares. Mas, ao que parece, não fui assim tão discreta.

— Ora, mas que amadora tão desajeitada! — sussurrou-me, enquanto me encaminhava para a secção de sapatos de senhora. — Com uma técnica tão fraca, é de admirar que ainda não tenhas sido presa.

— Presa! — guinchei eu, como se a palavra pudesse chegar até Washington e aos ouvidos omniscientes do meu pai. O medo de ser apanhada talvez fosse parte da excitação. Já ser realmente apanhada não me conviria de todo. — Não, eu não... Quero dizer...

Ela interrompeu-me os protestos com um gesto informal.

— Só estou a dizer-te que sejas esperta. Se vais correr um risco, ao menos faz com que valha a pena. Esses brincos? Não são propriamente fantásticos.

— Não é por causa dos brincos — ripostei, encolhendo-me logo de seguida. As palavras tinham sido uma resposta impulsiva, mas também correspondiam à verdade. Não era por causa dos brincos. Era por causa do meu pai, das palestras da faculdade e das conversas de planeamento de carreira, além da certeza nunca expressada de que, fizesse eu o que fizesse, a minha irmã o teria feito melhor.

Era por causa do peso opressivo e avassalador da minha vida e do meu futuro, cada vez mais forte até me deixar com a certeza de que, se não fizesse algo para aliviar um pouco a tensão, acabaria por entrar em combustão espontânea.

A Kat olhou de relance para a minha mala como se fosse capaz de ver a fraude através da pele macia. Depois, lentamente, tornou a focar o meu rosto. O silêncio perdurou um minuto inteiro entre nós até que ela assentiu com a cabeça.

— Não te preocupes. Eu percebo. — Inclinou a cabeça na direção da saída. — Anda.

Senti o alívio a percorrer-me, e os meus membros, que tinham gelado tanto de medo como de mortificação, começaram a descongelar. Ela levou-me até ao seu carro, um *Mustang* vermelho-cereja que conduzia mais ou menos à velocidade da luz. Lançou-se por Michigan Avenue, até à Lake Shore Drive, aproximando-se tanto dos outros carros enquanto ziguezagueava por entre o trânsito que me admira que o descapotável não tenha perdido uma camada de tinta. Por outras palavras, era mesmo incrível. A capota estava para baixo, o vento chicoteava-me o cabelo contra a cara e a boca, e tudo o que eu podia fazer era atirar a cabeça para trás e rir-me.

A Kat arriscou as nossas vidas durante tempo suficiente para me lançar um olhar de soslaio.

— Pois — disse ela. — Vamos dar-nos muito bem.

A partir desse momento, passei a adorar a Kat. Agora, com a morte do Jahn a deixar-me o universo de pernas para o ar, apercebia-me de que não só a adorava — também dependia dela.

— Estou mesmo contente por estares aqui — disse-lhe.

— Onde mais haveria de estar? — Perscrutou a sala. — Os teus pais andam por aí?

— Não conseguiram vir. Têm de ficar no estrangeiro. — A dormência do costume tornou a instalar-se em mim enquanto recordava os prantos histéricos da minha mãe e o profundo poço de tristeza que preencherá a voz do meu pai ao saber da morte do meio-irmão. — Custou-me tanto telefonar-lhes — sussurrei. — Senti outra vez tudo como quando foi da Gracie.

— Lamento muito.

A Kat nunca tinha conhecido a minha irmã, mas ouvira falar da história. Da versão pública, pelo menos; e eu sabia que a sua paixão era genuína.

Consegui esboçar um sorriso trémulo.

— Eu sei. Isso significa muito para mim.

— Esta cena toda é uma merda — disse ela. — É tão injusto. O teu tio era mesmo demasiado porreiro para morrer.

— Acho que o universo se está a cagar para quem é porreiro ou não.

— O universo às vezes mais parece uma cabra tresloucada — disse a Kat. Soltou um grande suspiro. — Queres que passe aqui a noite para não teres de estar sozinha? Se ficarmos acordadas até altas horas a embebedar-nos, podes crer que nenhuma de nós sonhará.

— Obrigada, mas acho que vou ficar bem.

Ela fitou-me com um ar duvidoso. Era uma das poucas pessoas a quem eu confessara os meus pesadelos, e, embora desse valor à empatia, por vezes só queria ter mantido a boca fechada.

— A sério — respondi honestamente. — O Kevin está cá.

— Ai sim? E como é que vai isso? Já estão noivos?

— Nem por isso — repliquei com secura.

Diria que andávamos, já que tinha ido para a cama com ele duas vezes, mas até então tinha-me esquivado à conversa do «vamos ter uma relação exclusiva». Não sabia ao certo por que estava tão reticente. O sexo não era de perder a cabeça, mas cumpria a sua função. E eu gostava mesmo dele. Mas tinha passado os últimos meses a mantê-lo longe de mim, dizendo-lhe que precisava de me concentrar na cirurgia do Jahn e, depois, na sua recuperação.

Obviamente, não tinha contado com a sua morte súbita.

Seria muito horrível pensar que, agora que o Jahn morrera, eu já não tinha desculpas para dar ao Kevin?

Ao meu lado, a Kat esticou o pescoço e examinou a multidão.

— Então onde é que ele está?

— Teve de ir atender uma chamada. Para todos os efeitos, hoje trabalha.

— O que é que vais fazer agora? — perguntou-me ela.

— Acerca do Kevin?

Honestamente, esperava evitar fazer o que quer que fosse sobre esse assunto nos tempos mais próximos.

— Acerca do teu emprego — contrapôs ela. — Acerca do teto por cima da tua cabeça. Acerca da tua vida. Já pensaste no que vais fazer?

— Oh. — Deixei que os ombros se abatessem. — Não. Nem por isso.

O emprego no departamento de relações-públicas da empresa do Jahn podia pagar-me as contas, mas dificilmente corresponderia à ambição da minha vida, e a Kat era uma das poucas pessoas a quem eu confessara esse segredo profundo e sombrio. Naquele momento, contudo, não se tratava de uma conversa que eu quisesse ter. Por sorte, algo do outro lado lhe chamara a atenção, distraíndo-a de forma bastante eficaz da minha falta de rumo e propósito.

Ela endireitou-se um pouco mais, e as comissuras dos seus lábios curvaram-se um pouco, quase a indicarem um sorriso. Curiosa, voltei-me para olhar na mesma direção, mas nada vi além de fatos, vestidos e um mar de preto.

— O que é? O Kevin? — perguntei, rezando para que não estivesse a vir ao nosso encontro.

— O Cole August — respondeu ela. — Pelo menos, pareceu-me vê-lo.

— Oh. — Humedeci os lábios. De súbito, tinha a boca seca. — O Evan está com ele?

Obriguei a voz a parecer natural, mas tinha a pulsação a mil. Estando o Cole por perto, era sempre uma aposta segura que o Evan também estivesse.

Depois lembrei-me de que dia era, e o meu coração abrandou, ao mesmo tempo que o desapontamento me invadia.

— Não é hoje a inauguração da ala hospitalar que o Evan fundou?

A Kat nem me dispensou um relance, com os olhos ainda a sondarem a multidão.

— Não tenho a certeza. — Mirou-me rapidamente. — Sim, é. Tinhas-me convidado, sabes, antes de tudo isto acontecer.

Pestanejei para conter o súbito ardor das lágrimas.

— O Evan vai detestar ter de faltar a isto. O Jahn era como um pai para ele.

Ao meu lado, a Kat deu um brusco passo atrás, sobressaltando-me.

— O que se passa?

Ela desviou o olhar da multidão e depois franziu a sobranceira, voltada para mim.

— Eu... oh, merda. Tenho de ir fazer uma chamada. Já venho, está bem?

— Hã, OK.

Mas a quem precisaria ela de ligar naquele preciso momento, caramba? Contudo, essa não foi uma pergunta que eu pudesse

ponderar durante muito tempo, pois tive um vislumbre do Cole. E, mesmo ao lado dele — com o ar de quem era dono do mundo e de tudo o que este contivesse —, estava o Evan.

De imediato, o meu peito contraiu-se e uma corrente de eletricidade voou pela minha pele. Tecnicamente, vi-o primeiro, mas foi a reação do meu corpo o que me chamou a atenção. Só depois de o sentir é que realmente o vi.

E que visão.

Enquanto o Cole poderia ser um verdadeiro símbolo sexual, o Evan Black era a combustão lenta do pecado e da sedução — e, naquela noite, estava de se perder a cabeça. Devia ter vindo diretamente do hospital, pois continuava de *smoking* e, embora fosse óbvio que as suas roupas eram demasiado formais para a ocasião, parecia perfeitamente à vontade. Fosse de *smoking* ou de calças de ganga, no que dizia respeito ao Evan, o que importava era o homem, não o traje.

Tinha a beleza cinzelada que o teria arrancado à obscuridade na Era Dourada de Hollywood, bem como a confiança e o porte que o teriam transformado num chamariz para as bilheteiras. Uma pequena cicatriz intersetava-lhe o sobrolho esquerdo, o que dava ao seu rosto de anjo um toque do diabo.

Provinha de uma família endinheirada, mas também tinha construído a sua própria fortuna, o que se notava na forma como se comportava, na maneira como olhava em redor, conseguindo arrebatado uma sala sem mais do que um relance.

Os seus olhos eram cinzentos como os de um lobo, e o seu cabelo era da cor de madeira de cerejeira, um castanho-escuro com nuances douradas e ruivas quando a luz incidia no ângulo certo. Usava-o mais comprido atrás, a rasar-lhe o colarinho, e a ondulação natural dava-lhe o aspeto de uma juba — o que só ampliava a impressão de haver algo de selvagem naquele homem.

Selvagem ou não, eu queria aproximar-me. Queria passar os dedos pelo seu cabelo e sentir-lhe as madeixas sobre a pele. Imaginava que o seu cabelo seria suave, mas que essa seria a sua única parte suave. Tudo o resto tinha a marca do aço, as superfícies duras do

seu rosto e do seu corpo a deixarem entrever um âmago perigoso sob aquela beleza.

Eu não sabia se o perigo seria real ou uma ilusão. E, naquele momento, não me interessava.

Queria o toque, a paixão.

Aquela ânsia desesperada por voar que eu passara toda a noite a sentir? Meu Deus, a minha vontade era lançar-me diretamente para os braços do Evan.

Precisava do furor. Ansiava pela emoção.

Desejava o homem.

E era mesmo uma pena que ele não me desejasse também.

J á conhecia o Evan Black havia quase oito anos, ainda que, na verdade, não o conhecesse de todo.

Tinha acabado de fazer 16 anos da primeira vez que o vi, durante o calor abrasador de um verão que marcou tantas primeiras experiências da minha vida. O primeiro verão que passei por completo em Chicago. O primeiro verão sem os meus pais. A minha primeira queca. Porque foi isso o que foi. Não se tratou de um doce romance adolescente. Foi uma descarga, pura e simplesmente. Descarga, fuga e esquecimento.

E, caramba, como precisava eu de me esquecer, porque esse também foi o primeiro verão sem a minha irmã, que ficara na Califórnia, com sete palmos de terra ensolarada em cima.

Eu sentira-me perdida depois da morte dela. Os meus pais — destroçados pela sua própria mágoa — tinham tentado puxar-me para junto deles: queriam ajudar-me e serenar-me. Mas eu fugia-lhes, demasiado assoberbada pela perda para me unir a eles como gostaria. Demasiado carregada de culpa para acreditar que tinha algum tipo de direito à ajuda ou ao afeto deles.

Foi o Jahn quem me salvou dessa pequena amostra do inferno. Tinha aparecido à porta da nossa casa de La Jolla na primeira sexta-feira das férias de verão e levava logo a minha mãe para o gabinete forrado a painéis escuros que me era interdito. Quando saíram de lá, uns 20 minutos depois, havia lágrimas nos olhos da minha mãe,

mas ela ainda conseguiu dirigir-me um sorriso animado. «Vai preparar a mala», disse-me. «Vais para Chicago com o teu tio Jahn.»

Eu tinha levado três tops de alças, o fato de banho, um vestido, um par de calças de ganga e os calções que usei no avião. A minha ideia era ficar um fim de semana. Em vez disso, passei lá o verão inteiro.

Na altura, o Jahn vivia sobretudo na sua casa ribeirinha em Kenilworth, um subúrbio riquíssimo de Chicago. Durante duas semanas inteiras, nada fiz além de ficar sentada no miradouro a fitar o lago Michigan. Não era o meu hábito: em visitas anteriores, tinha dado uso à moto de água, andado de skate pela rua ou partido numa bicicleta emprestada por Sheridan Road abaixo com o Flynn, o rapaz com quem acabaria por ir para a cama, que vivia duas casas a seguir à do meu tio e que tinha tanta queda para a loucura como eu. Aos 12 anos, eu até tinha montado uma tirolesa desde o quarto do sótão até à extremidade mais afastada da piscina e apressara-me a experimentá-la, para grande consternação da minha mãe, que desatou a gritar e a praguejar assim que me viu a zarpar pelo ar até aterrar, de chapão, na água.

A Grace começara a guinchar comigo, do trono que era a espreguiçadeira onde estava, acusando-me de lhe estragar o exemplar de capa dura de *Orgulho e Preconceito*. A minha mãe mandara-me passar o resto do dia no quarto. E o tio Jahn mantivera-se completamente mudo, mas, ao passar por ele, pareceu-me ver uma centelha de diversão no seu olhar, juntamente com algo mais, que talvez fosse respeito.

Não vi nada disso no verão do meu 16.º aniversário. Em vez disso, tudo o que via era preocupação.

— Todos sentimos a falta dela — disse-me certa tarde. — Mas não podes ficar de luto para sempre. Ela não quererá que o fizesses. Pega na bicicleta. Vai à aldeia. Vai ao parque. Arrasta o Flynn para o cinema. — Segurou-me o queixo e inclinou-me a cara para que eu olhasse para ele. — Perdi uma sobrinha, Lina. Não duas.

— Angie — corrigi-o, decidindo naquele momento que a Lina estava acabada. A Lina era a rapariga que eu era antigamente.

A que sempre tivera uma energia desmesurada e precisava de sentir o alvoroço do mundo à sua volta a toda a hora. Que tinha demasiada vivacidade para ser calma ou cuidadosa. Uma inconsciente que fumava nas traseiras da escola e entrava à socapa em discotecas. Uma pequena idiota que curtiã com rapazes porque procurava a emoção e que andava no assento de trás das motos deles exatamente pelo mesmo motivo. A Lina era a miúda que por pouco não fora suspensa da escola secundária na mesma semana em que começara o 10.º ano.

E a Lina era a razão pela qual a minha irmã estava morta.

Eu tinha vivido na pele da Lina durante toda a vida, mas não queria continuar a ser aquela miúda.

— Angie — repeti, cimentando firmemente esse primeiro tijolo do muro que estava a construir à minha volta. Depois levantei-me e fui para dentro de casa.

O tio Jahn não me tinha incomodado durante o resto desse dia, nem no seguinte, embora eu soubesse que estava preocupado e confuso. Na manhã de sábado, disse-me que ia receber alguns dos seus alunos do seminário do mestrado em Finanças, que os convidara para uns hambúrgueres junto à piscina, e que eu seria bem-vinda se quisesse acompanhá-los. A decisão era minha.

Não tenho a certeza do que me terá compelido a emergir da caverna sombria do meu quarto nessa tarde; tudo o que sei é que apareci nos meus calções ratados e com uma velhíssima t-shirt dos Rolling Stones, que era do meu tio, por cima do biquíni. A minha ideia era ficar ali uma hora. Comer um hambúrguer. Lembrar-me de não surripiar uma cerveja, porque esse era o género de coisa que a Lina faria, não a Angie.

No entanto, assim que cheguei à beira da piscina, todos os pensamentos acerca de cerveja e hambúrgueres se evaporaram, substituídos por desejo puro, decadente e desesperado. E não do género de paixoneta adolescente, não. Vi o Evan Black em tronco nu e com uns calções de banho de tal maneira justos que as minhas hormonas de 16 anos se inflamaram. Ele tinha o cabelo molhado e

penteadado para trás, afastado do rosto, e estava a brandir uma espátula de metal ao pé do assador, rindo-se com outros dois tipos, os quais, como vim a saber mais tarde, eram os seus melhores amigos, o Cole August e o Tyler Sharp.

Estes três pareciam mais jovens do que os outros quatro estudantes que também ocupavam o viçoso jardim das traseiras. Mais tarde, também soube que essa impressão estava correta. Os outros estavam no último ano do mestrado, enquanto o Evan ainda estava a tirar a licenciatura e recebera uma autorização especial para frequentar aquelas aulas. E o Tyler e o Cole nem sequer eram alunos da Northwestern. O Tyler era caloiro da Loyola. O Cole era um ano mais velho do que o Tyler e tinha acabado de chegar de um estágio artístico qualquer em Roma. Ambos tinham acompanhado o Evan; este e os outros presentes compunham a totalidade daquele seminário de verão em Finanças.

Juntos, o Cole, o Tyler e o Evan eram um sortido de gajos giros que até os meus olhos razoavelmente inexperientes conseguiam apreciar. Mas só ao Evan me apetecia dar uma dentada.

Ouvi o meu tio a chamar-me, ao que os três se voltaram para olhar para mim. Parei de respirar quando o olhar do Evan vogou na minha direção, com uma expressão imutável ao observar-me, para de seguida, oh, tão casualmente, voltar à tarefa de virar hambúrgueres.

Não tenho a certeza de que género de filme eu tinha a passar subliminarmente na cabeça. Algo selvagem e romântico, acho, pois assim que ele se virou senti uma vaga quente de desilusão a percorrer-me. E essa sensação, claro está, foi imediatamente substituída por mortificação. Poderia ele aperceber-se daquilo em que eu estava a pensar? Passaria a pensar em mim como a sobrinha apalermada do Jahn? A que tinha uma paixoneta de colegial?

Que merda, a ideia era horripilante.

— Ei, Angie — chamou-me o Jahn, com as palavras a endireitarem-me de uma forma tão eficaz como se fossem um fio a puxar uma marioneta. — Juntas-te a nós para uns hambúrgueres?

— Eu... — Tinha as palavras presas na garganta e percebi que não podia ficar ali. Precisava de espaço. Raios, precisava de ar. — Eu... acho que estou a chocar qualquer coisa. — Disse-o de supetão; depois virei-me e desatei a correr para dentro de casa, certa de que as minhas faces ardentes corriam o risco de se incendiar.

Tentei concentrar-me na televisão. Num livro. Em navegar na Internet. Mas nada me prendia a atenção. Tinha a mente demasiado cheia do Evan e acabei por ir para a cama cedo. Não por estar realmente doente, mas porque queria o prazer da escuridão. A excitação de deslizar a mão pelo ventre e sob o cós das cuecas e depois, enquanto me tocava de olhos fechados, imaginar que eram os dedos do Evan. Os dedos, a língua, todo e cada centímetro delicioso do seu ser.

Esta tornar-se-ia uma das minhas fantasias noturnas favoritas, sendo invocada em muitas noites ao longo dos anos seguintes. Felizmente, não repeti a gracinha de guinchar e fugir como uma tonta de cada vez que o Evan aparecia. Digo «felizmente» porque o Jahn desenvolveu um interesse paternal por aqueles três, que passaram a ser presença constante na casa. E, como eu não tinha vontade de passar o verão escondida no quarto, comecei a aventurar-me a sair. Em agosto, já encarava o Tyler e o Cole como irmãos mais velhos. Quanto ao Evan... não seria possível que eu alguma vez nutrisse sentimentos fraternais em relação a ele, mas pelo menos era capaz de manter uma conversa sem imaginar os seus lábios nos meus.

O Jahn chamava-lhes *Os Três Cavaleiros de Guarda*, já que *Os Três Mosqueteiros* não seria uma alcunha suficientemente original para tipos tão únicos quanto eles. «Além disso», brincara certa noite enquanto passava um braço por cima do meu ombro e lhes sorria, «assim tenho os meus cavaleiros e a minha princesa».

O Evan focou aqueles hipnóticos olhos cinzentos em mim, obviamente a ponderar o comentário.

— É isso o que tu és?

Fiquei paralisada, estupefacta pela pergunta. A Grace sempre fora a princesa, e eu, o bobo. Porém, agora que ela tinha morrido,

eu envergara o manto, ainda que fosse desconfortável e não me as-sentasse bem.

Ele continuava a observar-me — com o olhar fixo no meu rosto enquanto eu esquadrinhava uma resposta, e, por um instante, pareceu-me que ele conseguia ver a miúda debaixo da fachada e do apelido da minha família. Pareceu-me que ele *me* via.

Depois sorriu, todo descontraído e cínico, e o feitiço desfez-se.

— É só que, nos contos de fadas, a princesa é sempre engodo para dragões.

Eu não fazia a menor ideia de como haveria de responder àquilo, e o desconforto inflamou-me o mau génio — que explodiu quando tanto o Tyler como o Cole se riram e o Evan lhes lançou um olhar presunçoso, como quem diz: «Este combate ganhei eu.»

— Não te preocupes comigo — respondi-lhe friamente. — Nunca serei engodo para dragões.

— Não? — Olhou-me de cima a baixo, e precisei de todo o auto-domínio para me manter imóvel enquanto os seus olhos me percorriam. — Acho que haveremos de descobrir — declarou por fim e, sem mais palavras, deu meia-volta e foi-se embora.

Vi-o a afastar-se, sentindo-me inquieta e insatisfeita. Queria qualquer coisa... algo grande e selvagem. Algo como o ferver e o crepitar que o olhar lento e quente do Evan deixara a borbulhar em mim.

Algo? Oh, por favor. Que grande treta, não? Eu sabia exatamente o que queria — ou, para ser mais precisa, sabia *quem* eu queria. E ele tinha-se ido embora sem mais, tão pouco interessado em mim como eu estava arrebatada por ele.

A controlar-me para não fazer um esgar, vi o meu tio a observar-me com uma expressão curiosa e, pela primeira vez, receei que ele tivesse descortinado o meu segredo: eu tinha mais do que uma paixoneta inocente pelo Evan Black. E, de alguma maneira, haveria de fazer alguma coisa a esse respeito.

Soltei um suspiro de longo sofrimento, ainda de olhar fixo na imagem quase mágica do Evan de *smoking*. Não sabia se era

encantadoramente otimista ou tristemente patética. Tudo o que sabia era que, apesar dos anos que tinham passado — e apesar da ausência de qualquer demonstração de interesse da parte dele —, o meu fascínio pelo Evan Black nunca esmorecera.

Por um momento apenas, permiti-me o luxo de uma fantasia. O seu dedo dobrado debaixo do meu queixo. A ligeira pressão enquanto me levantava o rosto para que eu lhe fitasse os olhos. O seu toque, que seria delicado mas firme. O odor, masculino e estonteante. «Angie», diria ele, «por que razão nunca tínhamos feito isto?».

Eu abriria a boca para responder, mas ele haveria de me calar com um beijo, ardente e profundo, e tão desesperadamente exigente que eu me derreteria contra ele, os nossos corpos a fundirem-se com a eletricidade que me percorreria, toda a concentrar-se entre as minhas coxas. A consumir-me, carente.

— E aqui está ela.

Estremeci, arrancada ao devaneio pela masculina voz de caramelo. Virei-me para sorrir aos mais de 90 quilos de macho perfeitamente proporcionado que compunham o Cole August. Numa primeira observação, era altamente intimidante, apesar de ser empiricamente lindo. Todo ele músculos, força e traços bem demarcados, com o género de ar que afugentava qualquer um que pudesse querer meter-se com ele. Tinha nascido e crescido na bastante assustadora margem sul de Chicago, e a brutalidade do seu património ainda o acompanhava, apesar do fato cortado à medida e de outros sinais de sucesso.

As origens multirraciais tinham-no abençoado com uma suave pele escura com reflexos dourados, e os seus olhos refulgiam num tom profundo de ébano. Era naqueles olhos que se via o verdadeiro homem. Imponente, intenso e um tudo-nada ameaçador. Mas também absolutamente leal.

Estendeu-me os braços, e eu avancei de bom grado.

— Estás a aguentar-te, *Engodo para Dragão*?

— Nem por isso. — Suspirei, pois o cheiro dele fazia-me lembrar o do tio Jahn, um odor masculino e almiscarado que provavelmente

saía de um frasco mas que a mim me parecia parte integrante daqueles homens que eu adorava. — Ainda bem que veste. Pensava que não estavas na cidade.

— Voltámos, claro. — Falava no plural, e eu sabia que se referia a si e ao Tyler Sharp. — Tínhamos de estar aqui pelo Jahn — acrescentou. Deu-me um beijo casto na testa. — E por ti.

— O Tyler anda algures por aí, escondido no meio da multidão? Não mencionei que já tinha localizado o Evan.

— Vinha mesmo atrás de mim. Mas foi apanhado por uma coisa loira e flexível que parecia querer enrolar-se à volta dele.

Tive de me rir. Mesmo num funeral, o Tyler era um íman para as miúdas. O Cole sorriu.

— Pois, bem, não a julgues por isso. Tenho a impressão de que está há horas a automedicar a mágoa.

— Sei bem como ela se sente.

Ele fitou-me com um olhar duro, tendo praticamente todo o humor desaparecido do seu rosto.

— Qualquer coisa de que precisas, basta pedires.

Acenei com a cabeça, mas mantive-me calada. A única coisa de que precisava era de me deixar descontrolar um pouco. Sacudir o peso da mágoa, largar tudo e perder-me numa névoa de adrenalina. Isso funcionaria — sabia muito bem que era a melhor forma de mitigar a dor e a perda que sentia. Mas, acontecesse o que acontecesse, eu não iria por aí.

Ao meu lado, o Cole chamou pelo Tyler. Desviei-me um pouco dele e fiquei a ver o terceiro dos cavaleiros do Jahn a aproximar-se. Enquanto o Cole era corpulento, o Tyler era esguio e atlético. Tinha a boa aparência capaz de apanhar alguém desprevenido e o encanto capaz de levar os outros a fazerem o que ele quisesse, mantendo a certeza absoluta de que isso sucedia por iniciativa própria.

Estendeu a mão para a minha e apertou-a.

— Diz-nos aquilo de que precisas.

— De nada — menti. — Só de vocês os dois. — Encolhi um ombro. — A sério. Fico melhor só por vocês estarem aqui.

— Onde é que para o Evan? — perguntou o Tyler, e, embora a pergunta se dirigisse ao Cole, eu também me virei para o procurar. Mas o Evan tinha desaparecido.

— Ora, que merda. Ainda há um minuto estava ao meu lado. — O Cole olhou em redor. — Mas deve ser fácil encontrá-lo. Continua todo aperaltado.

— Não quis perder tempo a mudar de roupa. — A atenção do Tyler concentrou-se em mim. — Mas tu já o viste, não já?

— Eu... não — respondi. — Quer dizer, vi-o do outro lado da sala, mas não falei com ele. Ainda não.

— Ai não? — O Tyler fez uma careta com as comissuras dos lábios voltadas para baixo. — Enviou-me uma mensagem quando saiu da inauguração. Disse-me que vinha diretamente para aqui para se assegurar de que estavas bem.

— Disse?

Uma pequena onda vagarosa de prazer subiu-me pela coluna.

— Pois, ele... Espera. Ali está ele. Evan!

A voz do Tyler percorreu a sala, e várias cabeças se voltaram na nossa direção. Mas eu só vi o rosto dele. Os olhos. E juro que estavam a olhar para mim com o género de calor devasso com que eu passava a vida a fantasiar.

Arquejei, e a doce ondulação de prazer ia avançando para partes do meu corpo definitivamente mais interessantes. Lancei um olhar rápido ao chão, para me controlar. Quando tornei a erguer a vista, o Evan vinha na nossa direção, em resposta ao gesto insistente do Tyler. Desta feita, porém, nada vi nos seus olhos, o que me deixou sem saber se as ondas de calor teriam existido apenas na minha imaginação.

Aproximou-se de nós com passos largos e confiantes. As pessoas afastavam-se automaticamente à sua passagem, como se fosse tão natural abrirem alas para aquele homem como seria prestarem deferência à realeza.

Quando nos alcançou, não olhou para mim. Nem de relance. Em vez disso, concentrou-se por completo no Tyler e no Cole.

Dirigiu-se-lhes com uma atitude brusca e num tom estritamente profissional.

— Correu tudo bem na Califórnia?

— Depois falamos, pá — respondeu o Tyler. — Mas está tudo bem.

— Ótimo — disse o Evan.

Mudou o peso de uma perna para a outra, como se estivesse a preparar-se para se afastar do nosso grupo.

— Tenho ouvido dizer que as celebridades andam loucas com os vossos *burritos* — saiu-me.

Eu não estava a par de todos os empreendimentos em que aqueles três estavam envolvidos, mas prestara atenção quando adquiriram a cadeia californiana de *fast food* que eu costumava frequentar quando andava no secundário. O sítio violava tantos códigos de higiene e segurança alimentar que é um milagre que eu tenha sobrevivido à adolescência sem sucumbir à hepatite; mas eles tinham conseguido limpá-la e ainda foram capazes de abrir sucursais em meia dúzia de outros estados.

Não é que eu estivesse minimamente interessada em *burritos* ou na Califórnia: só queria o calor do olhar do Evan em mim. Bem, ter-me-ia dado por contente com o clarão rápido de um sorriso — quero dizer, tanto o Cole como o Tyler me ofereciam isso. Mas não era pela reação deles que eu ansiava, era pela do Evan. E dele tudo o que recebia era o frio da indiferença.

Não fazia sentido algum. Pondo de parte o meu desejo secreto, conhecera o Evan durante toda a minha vida adulta, e a conversa sempre fluíra com naturalidade. Afinal, eu tinha muita experiência a esconder os meus segredos.

Tentei convencer-me de que os negócios lhe ocupavam a mente, mas não acreditava nisso. O silêncio dele parecia-me uma afronta. Como se estivesse intencionalmente a evitar olhar para mim. E, para ser sincera, sobretudo naquele dia, era uma coisa que me enfurecia.

Estava tão resolvida a irritar-me com o Evan que nem me apercebi de que o Kevin se aproximara até ele se pôr mesmo ao meu lado, puxando-me com firmeza para um abraço.

— Olá.

Dirigi-lhe um sorriso breve, esperando não parecer desiludida ao vê-lo.

— Olá para ti também.

Inclinei-me para receber o seu beijo doce. Enquanto os meus lábios rasavam nos dele, não conseguia deixar de pensar se o Evan estaria ou não a ver.

Afastei-me e obriguei-me a concentrar-me no homem que acabava de beijar.

— Está tudo bem? Tens de voltar?

— Não há crise — disse ele. — A verdade, a justiça e o sistema americano podem continuar sem mim.

Deu-me um beijo ao de leve na têmpora, e, enquanto olhava ora para ele, ora para o Evan, tinha de me perguntar por que raio andaria a empatar. Tratava-se de um homem incrivelmente amável e atencioso que deixara mais do que claro que queria passar de uma relação casual para algo sério, e, apesar disso, eu continuava enredada em persistentes fantasias de adolescente? Sinceramente, haveria homens que fossem de mais confiança e melhor partido do que um agente do FBI? E, tendo em conta que fora o meu pai a apresentar-nos, o Kevin já tinha o selo de aprovação paterna.

Deliberadamente, aproximei-me mais, passando os braços à volta da cintura dele antes de inclinar a cabeça para lhe ver o rosto. O seu cabelo loiro e ondulado estava impecavelmente cortado, e os seus olhos azuis continham charme e humor. No total, tinha bom aspeto, como um futebolista giro, podre de bom, apesar de não ser tão sensual como o tipo de cabedal com o carro quitado.

— Agradeço-te muito que estejas aqui comigo.

— Disse ao Burnett que hoje precisava de estar aqui contigo — proferiu, referindo-se ao agente a quem prestava contas. O seu olhar percorreu o Cole, o Tyler e o Evan, um de cada vez. — Amanhã já volto a dar cabo de criminosos.

— Quem é que andam a caçar agora, agente Warner? — perguntou-lhe o Evan. Havia um laivo de humor na sua voz, mas também a

tensão do controlo. Tanto o Tyler como o Cole deveriam tê-la ouvido também, pois ambos lançaram um olhar ríspido ao Evan. Fiquei com a impressão de que o Cole ia dizer qualquer coisa, mas depois mudou de ideias.

— Qualquer pessoa para quem as provas apontem — respondeu o Kevin. — Quando se segue a pista durante tempo suficiente, no final apanha-se o cabrão.

— Provas — repetiu o Evan, num tom pensativo. — Pensava que vocês tinham deixado de se preocupar com provas há anos. O método agora não é atirar barro à parede e ver o que cola?

— Se está a sugerir que fazemos tudo o que seja necessário para reunir as provas de que precisamos — replicou o Kevin num tom suave —, então tem toda a razão.

Toda a ilusão de humor naquela conversa fora firmemente eliminada. Estremeci, lembrando-me demasiado tarde de que o FBI tinha andado em cima daquele trio uns cinco anos antes. Eu lera os artigos nos jornais e perguntara ao Jahn o que se passava. Ele tinha-me dito que não me preocupasse: um concorrente dele fizera algumas acusações desprezíveis, mas os seus cavaleiros em breve teriam o nome limpo. Eu nessa altura andava completamente mergulhada nos exames finais, pelo que aceitara o que o meu tio me dizia. E, como não tinha surgido mais nada nas notícias, esqueci-me do assunto por completo.

Claramente, o Evan não esquecera; o ar à nossa volta crepitava com uma espécie desagradável e incómoda de tensão.

Pigarreei, determinada a mudar de assunto.

— Como foi a inauguração no hospital?

— Inconveniente — ripostou o Evan. Enfiou as mãos nos bolsos e depois inspirou profundamente, ao que não eram precisas excepcionais capacidades de observação para perceber que estava a esforçar-se por domar o temperamento. — Peço desculpa — pediu ele, numa voz já amável.

Virou-se ligeiramente e, pela primeira vez desde que se juntara ao grupo, olhou na minha direção.

— A inauguração... Raios, toda a ala... Aquilo é muito importante para mim e ainda mais para as crianças que vamos ajudar, mas precisava de estar aqui. — Por um brevíssimo instante, fitou-me nos olhos, e eu senti a respiração presa na garganta. — Ele era um bom homem — disse, e a dor que lhe ouvi na voz refletia a minha. — Vai fazer falta.

— Pois vai — anuiu o Kevin, cuja voz parecia tensa e entrecortada, o que me levou a ter de combater a vontade de me libertar dos seus braços, pois ele não compreendia. Como poderia? Não conhecia realmente o meu tio; não percebia realmente o que eu tinha perdido.

Tentei engolir, mas de súbito tinha a garganta embargada. Cerrei os punhos, como se a mera força de vontade fosse capaz de expulsar a mágoa.

De nada serviu. De repente, senti-me perdida. Não havia para onde me virar, sítio algum para me ancorar, e já sabia que, a qualquer momento, ia ter de perder o controlo.

Raios.

Tinha estado tão bem até então — sentia a falta do Jahn, sim, mas não atravessara a fronteira da autocomiseração. Tinha estado a sobreviver, e o facto de me aguentar deixava-me orgulhosa.

Mas já não estava a aguentar-me. A frieza do Evan desestabilizara-me, e, sem aviso, fiquei nervosa e completamente destrambelhada. Queria retirar-me daquele bizarro triângulo formado por mim, o Evan e o Kevin, mas parecia que não era capaz de me mexer.

Tudo o que sabia era que o tio Jahn sempre fora a minha porta de entrada. Sempre me compreendera. Sempre estivera presente para me salvar.

Mas já não estava — e, para minha total mortificação, as lágrimas começaram a derramar-se.

— Angie — murmurou o Evan. — Oh, querida, não faz mal.

Não faço a mínima ideia de como terá acontecido, mas de súbito a minha cara estava encostada ao peito do Evan enquanto ele me abraçava e acariciava as costas com uma mão, acalmando-me com

a voz, que me dizia que devia desabafar. Que tudo ia passar. Que eu ia ficar bem.

Agarrei-me a ele, assimilando todo o consolo que ele me oferecia. O seu corpo firme e forte, e eu não queria largá-lo. Queria absorver-lhe a força e reclamá-la como minha.

Mas depois o meu nariz começou a pingar, e eu recuei, com receio de lhe deixar o *smoking* milionário cheio de ranho.

— Obrigada — disse, ou pelo menos tentei. Acho que a palavra não chegou a sair-me da boca, porque, quando olhei para ele, não foi a preocupação de um amigo o que vi. Não, foi ardor. Foi desejo. Vibrante, puro e absolutamente inconfundível.

E suficientemente desenfreado para me perfurar de um lado ao outro.

Arquejei, e o som pareceu acionar algum interruptor nele. Depois — tão depressa quanto tinha surgido — aquele fulgor desapareceu, e eu fiquei a sentir-me fria, abandonada e desesperadamente confusa.

— Ela precisa de ti — disse o Evan, passando-me ao Kevin, que me abraçou enquanto uma sombra lhe perpassava o rosto.

— Não querias dizer qualquer coisa aos presentes? — perguntou o Cole, cuja voz me recordou de que ele e o Tyler estavam a escassos centímetros de nós, com os olhos penetrantes a repararem em tudo.

— Queria — respondeu o Evan, com uma expressão neutra e o tom profissional, como se isso pudesse apagar os segundos anteriores. Mas era demasiado tarde, e tudo tinha mudado. Eu vira-o. Vira? Raios, o que lhe vira no rosto por pouco não me atirara ao chão.

Mas ele agora estava a afastar-se de mim, e, enquanto o via distanciar-se — estando eu a agarrar a mão do Kevin com força —, percebi que, se o queria, teria de ir atrás dele.

Pois, no que dizia respeito ao Evan Black e a mim, ele haveria sempre de se ir embora.

E, num momento de clareza repentina, tive perfeita noção do maldito motivo.

Comecei o meu primeiro ano na Universidade Northwestern por volta da altura em que o Evan a abandonava, demasiado bem-sucedido em todos os seus diversificados empreendimentos para se preocupar com algo tão mundano como uma licenciatura.

O ar parecia perfumado de lilases nesse outono, e o Jahn tinha organizado uma das suas famosas festas. O Evan estava lá, claro, flanqueado, como de costume, pelo Tyler e pelo Cole. Eu tinha-me sentado com eles à beira da piscina, com os pés descalços a oscilarem dentro de água enquanto respondia às perguntas que me faziam acerca de como iria sobreviver às primeiras semanas na faculdade.

A conversa era informal e descontraída, e eu estava orgulhosa de mim por levar a coisa na boa. Quer dizer, até o Jahn me ter pedido para ir com ele escolher uma garrafa de vinho.

— Sabes que és como uma filha para mim — disse-me, quando estávamos na cozinha luminosa e arejada, que tinha uma enorme janela de batente voltada para a piscina.

— Claro — respondi alegremente. Depois apercebi-me da sua expressão e franzi o sobrolho. — Passa-se alguma coisa?

Ele abanou a cabeça, num movimento ínfimo. Mas a sombra no seu olhar sugeria algo completamente distinto.

— Só espero que saibas que faria qualquer coisa por ti. Que te protegerei de tudo e de todos.

O meu peito contraiu-se e senti gotas de transpiração no lábio superior.

— O que se passa?

A minha mente encheu-se de imagens de facas e ameaças, de ataques e violações. Oh, meu Deus, não. Com certeza...

— Não. — A voz do Jahn era tão obstinada quanto a mão com que me apertava o pulso. — Não — repetiu, mas desta feita com mais delicadeza. — Não é disso que estou a falar. Nada disso.

Lentamente, o meu medo dissipou-se.

— Então o que é?

— Tenho visto a forma como olhas para eles, Angie.

— Para eles?

Por um brevíssimo momento, fiquei genuinamente confusa. Depois percebi — e de repente as minhas faces inflamaram-se de vergonha.

— Aqueles rapazes vão sempre cuidar de ti — disse ele, ignorando o meu desconforto. — Vão tomar conta de ti até ao fim dos tempos, porque és importante para mim. Mas não pode passar disso. Com qualquer um deles. — A sua voz tinha endurecido, ganhando um tom autoritário e sério que eu raramente lhe ouvira. — Eu disse que te protegeria — declarou ele. — Mesmo que isso signifique proteger-te de ti mesma.

— Não sei a que te... — comecei, mas ele interrompeu-me bruscamente.

— Eles não são homens para ti — disse com firmeza. Fitou-me com uma expressão tremendamente séria. — E sabem que tu lhes estás vedada.

Abri a boca para dizer qualquer coisa e depois tornei a fechá-la, pois que haveria eu de dizer? Aquilo era absolutamente surreal.

O meu instinto era negar, negar, negar. Mas a curiosidade levou a melhor.

— O que é que eles têm de mal? — perguntei.

— Nada de nada.

— Então porque estamos a ter esta conversa?

Ele virou costas à janela e encostou-se à bancada de granito, com os braços cruzados à altura do peito. Semicerrou os olhos e eu endireitei-me automaticamente sob o seu olhar reprovador.

Ele apressou-se a desviar o olhar.

— São demasiado velhos para ti.

Quase me desmanchei a rir.

— A sério? É esse o problema? O meu pai é 13 anos mais velho do que a minha mãe, e ninguém achou que isso tivesse importância.

Havia algo quase melancólico no seu olhar.

— A Sarah é especial — disse.

— E eu não sou? — estava a brincar, claro, mas também falava a sério. — O Evan não chega a ter mais seis anos do que eu, e é o mais velho dos três. Anda lá, tio J. O que é que se passa realmente?

Em vez de responder, ele agarrou num saca-rolhas que estava em cima da bancada e foi abrir uma das garrafas que tinha escolhido para aquela noite. Observei-o em silêncio, tão intrigada quanto frustrada, enquanto ele servia um copo, bebia um golinho e depois servia outro. Quando me passou o segundo, tive de conter um sorriso insolente. Legalmente, ainda não tinha idade para beber.

Quando, por fim, falou, foi com uma voz grave, séria e marcada por um laivo de arrependimento.

— Quando foi a última vez que me viste com a minha mulher?

A pergunta foi tão inesperada que respondi de imediato.

— Há anos.

Havia séculos que não via a sua última esposa, nem qualquer uma das anteriores: todas o tinham deixado, mas não sabia porquê. E, como nunca fora chegada a nenhuma delas, não tinha perguntado.

— Demasiados segredos destroem uma relação — declarou ele.

— Eu não tenho segredos. — Só que, como é óbvio, tinha.

O Jahn fez uma pausa e, por um momento, pensei que fosse desmascarar-me a mentira. Mas depois assentiu com a cabeça, quase distraidamente, como se aceitasse as minhas palavras.

— Talvez não. Mas ele tem. Segredos dele e segredos que guarda de outras pessoas.

Ele.

Aquela simples palavra matraqueava-me na cabeça, deixando-me um pouco tonta. Porque sabia o que significava. Significava que não estávamos mesmo a falar do trio, mas do Evan. Acerca do facto de eu o desejar e de o Jahn estar ciente disso.

Engoli em seco, embaraçada, mas também estranhamente aliviada. O Jahn conhecia-me — talvez melhor do que qualquer outra pessoa conhecia ou viria a conhecer.

Mas quanto a uma coisa estava enganado: os segredos não eram algo que me incomodasse. Como poderiam incomodar, quando eu própria guardava tantos?

Agora, ali, na grande sala de estar do apartamento do Jahn, a ouvir o Evan a discursar perante todos os presentes, era como se o fantasma do meu tio me tivesse puxado, como uma personagem de *Um Conto de Natal*, para o passado, para rever toda aquela conversa. Eu tivera as minhas dúvidas, mas acreditara que, à semelhança dos seus melhores amigos, o Evan me via como uma irmã.

Já não acreditava nisso.

O sermão do Jahn naquela noite não fora apenas um aviso para que eu me mantivesse afastada deles. Ele tinha-me dito que também dera ordens ao Evan, ao Tyler e ao Cole para se manterem afastados. E, enquanto para o Cole e o Tyler esse pedido poderia não ser um fardo, eu tinha visto o ardor nos olhos do Evan.

Ele desejava-me, raios.

Queria-me, mas o maldito do homem era demasiado leal ao meu tio para fazer o que quer que fosse a esse respeito.

— O Howard Jahn era um homem que amava a vida. — O tom profundo e hipnótico da voz do Evan enchia a sala. — Durante o breve tempo que passou neste mundo, não só viveu essa vida ao máximo como também ensinou outros a fazerem o mesmo. Alterou as vidas de tantas pessoas, muitas das quais se encontram aqui agora.

Falo por experiência própria. Fui um dos afortunados a quem ele estendeu a mão e acolheu.

Desviei o olhar do Evan durante o tempo necessário para examinar o grupo presente. As pessoas estavam tão deslumbradas quanto eu, cativadas pelo carisma do Evan e pelas palavras que ele ia proferindo. Observei-o — àquele homem que fizera fortuna própria ainda tão jovem — e nesse momento compreendi como tinha chegado à posição de um dos homens mais influentes de Chicago. Raios, se fosse um pregador evangelista numa tenda, poderia ter sacado milhões àquela audiência.

O único que não parecia impressionado, na verdade, era o Kevin. Eu não sabia ao certo se ainda estava picado por causa da discussão que tinham tido ou se começava a detetar as minhas vibrações de desejo direcionadas ao Evan. Mas, como a segunda opção era uma possibilidade capaz de me deixar a zunir a potentíssima antena da culpa, estendi a mão e agarrei a dele — e depois senti-me ainda mais culpada por tamanha hipocrisia.

— O Howard Jahn ensinou-me uma forma diferente de ver o mundo. De muitas maneiras, salvou-me e nunca desistiu de mim. — Tinha estado a perscrutar o público enquanto falava, mas então o seu olhar fixou-se no meu. — Estamos aqui hoje para honrar a sua memória — continuou ele, com uma espécie de ferocidade na voz. — A sua memória. A sua vontade. O seu legado.

Fez uma pausa, e o ar entre nós tornou-se tão carregado que só a custo consegui inspirar. Surpreende-me que todos os olhares não se tenham concentrado em nós, para observarem o espetáculo de fogo que nos envolvia. Eu sentia-o — e queria queimar-me nele.

Não faço ideia do que terá dito de seguida. Deve ter continuado a falar, pois, quando dei por isso, as pessoas estavam a erguer os copos num brinde e a enxugar os olhos chorosos.

O feitiço que me tinha capturado dissipou-se, e eu fiquei a ver, sem fôlego, o Evan a misturar-se com a multidão. Foi distribuindo apertos de mão e aceitando palmadas afetuosas nas costas. A sala

era dele, autoritário e calmo. Uma presença estável com a qual os enlutados podiam contar.

E nem por uma vez desviou o olhar do meu.

Depois avançou na minha direção, com um andar firme e constante, uma expressão determinada. Eu estava apenas semiconsciente de ter o Kevin ao meu lado, com os dedos ainda entrelaçados nos meus. Naquele momento, o Evan Black era o meu mundo inteiro. Queria voltar a sentir o seu toque. Queria que me puxasse para si. Que murmurasse que sabia o que eu perdera com a morte do Jahn.

Queria que passasse docemente os lábios ao de leve sobre os meus, para me consolar, e que depois atirasse todo o decoro às urtigas e me beijasse tão desenfreada e fortemente que a mágoa e o pesar murchariam sob o calor da nossa paixão.

E irritava-me muito que isso não fosse acontecer por causa de uma promessa que ele tinha feito a um morto.

Não sei bem o que estava a tentar provar, mas rodei sobre mim mesma e atirei-me para os braços do Kevin.

— O que...?

Interrompi-o com um beijo que começou desajeitado e esquisito, mas depois o Kevin deve ter decidido que eu precisava daquilo. Que a minha tristeza me destrambelhara ao ponto de me entregar a demonstrações públicas de afeto.

Segurou-me a nuca com uma mão enquanto a sua boca reclamava a minha. No que dizia respeito a beijar, o Kevin merecia mesmo um 20. Empiricamente, era tudo o que uma rapariga deveria querer, mas eu não estava satisfeita. Nem por sombras. Não havia paixão, nada ardia. Não tinha borboletas na barriga, não me deixava a ansiar por mais. Pelo contrário, tudo o que o beijo do Kevin fazia era tornar-me mais ciente do vazio que existia dentro de mim. Uma fome — um desejo — que parecia não conseguir saciar, por mais que quisesse fazê-lo.

Evan..., pensei eu, e fiquei chocada pelo anseio desesperado que acompanhava aquelas duas pequenas sílabas. De alguma forma, a rédea apertada que eu mantivera a refrear o meu desejo ao

longo de todos aqueles anos tinha-se soltado. Era como se a mágoa me tivesse atirado para o precipício e, pela primeira vez na vida, tudo o que eu queria era ser capaz de tirar o Evan Black da cabeça. Sentia-me descontrolada. Frenética e desnordeada.

E, para uma rapariga como eu, isso nunca é uma coisa boa.

Quando o Kevin interrompeu o nosso beijo e se afastou, só me apetecia tornar a puxá-lo de novo para mim. Beijá-lo até penetrarmos na minha própria determinação. Até criarmos fogo, por fricção, se nada mais. Porque eu precisava disso. Precisava de me libertar. Precisava de me perder nele até que o fogo ardente do Evan Black se reduzisse a cinzas, nada mais substancial do que uma queimadura a marcar-me o coração.

Mas isso, sabia-o, nunca iria acontecer.

A palma da mão do Kevin segurava-me a face, o seu sorriso era gentil.

— Querida, parece que estás destroçada.

Assenti com a cabeça. Estava. Só que não era pelo motivo que ele julgava.

Olhei em redor, em busca do Evan. Querendo assegurar-me de que ele tinha visto. Desejando que estivesse tão retorcido e enredado como eu me sentia.

Mas ele nem sequer estava ali.

— Angelina, minha querida, a criadita disse que devia encontrá-la aqui. Que bom tornar a vê-la, mesmo nestas circunstâncias tão tristes.

A voz com um suave sotaque sulista rolou até mim, e eu fiz um esgar. Tinha escapado para a cozinha — que, tecnicamente, estaria vedada aos convidados — na esperança de conseguir nem que fosse um momento a sós. Ao que parecia, isso não ia acontecer.

Forçando um sorriso de filha de político no rosto, virei costas à bancada e cumprimentei o Edwin Mulberry, um congressista do Alabama ou do Mississípi, ou de qualquer outro estado que certamente não fazia parte do Midwest.

— Senhor congressista Mulberry. Que prazer — menti. Obriguei o sorriso a alargar-se. — Não fazia ideia de que conhecia o meu tio.

Ele tinha cabelo grisalho e um sorriso preparado para as audiências no qual eu não depositava grandes expectativas, duvidando que fosse genuíno.

— O seu tio era um homem incrível — disse ele. — Muito bem relacionado. Quando falei com o seu pai ontem e ele me disse que não poderia estar presente, percebi que tinha de passar por cá.

— Agradeço-lhe — disse eu.

O Mulberry era um político com o Senado em vista e, embora o meu pai ainda estivesse a cumprir o seu primeiro mandato de seis anos, forjara aliados poderosos, incluindo vários que tinham começado a referir o seu nome como potencial candidato a vice-presidente. Eu não precisava de me valer do meu curso de Ciências Políticas para perceber que o Mulberry estava mais interessado em cair nas boas graças do que em prestar homenagem ao meu tio.

— Quanto tempo já se passou? Quase cinco anos desde a última vez que a vi? Devo dizer que se transformou numa jovem encantadora.

— Obrigada — repliquei, conseguindo manter o sorriso radiante embora se tivesse tornado significativamente mais tenso. — Já se passaram quase oito — acrescentei, incapaz de me conter.

Tinha-o visto pela última vez no funeral da minha irmã, e a memória desse dia colidiu com aquele em que estávamos de uma forma que me fez sentir fria e vazia.

Passei os braços à minha volta e apertei-me, tentando recordar tudo o que sabia quanto a comportar-me em público, mas sentia-me demasiado perdida para continuar a fazer conversa de chacha.

— Bem... — disse eu, e depois deixei a palavra a pairar no ar, pois de súbito não me ocorria uma única coisa que pudesse acrescentar.

Foi o Evan quem me salvou.

— Senhor congressista Mulberry? — O homem mais velho voltou-se para ele, parado junto à porta com um ar sombrio e

misterioso, como um lago à meia-noite. — Está ali uma jovem à sua procura. Parece muito ansiosa por falar consigo.

— Ai está? — O congressista animou-se, levando a mão a ajeitar a gravata enquanto eu reprimia um sorriso.

— Cabelo comprido e loiro, vestido curto e preto. — Avançou para a cozinha, aproximando-se de nós. — Estava a ir para a biblioteca quando a deixei.

— Bom... — disse o Mulberry. Virou-se para mim. — Minha querida, foi um prazer, mas, se esta jovem é uma eleitora, será melhor ir averiguar o que tem em mente.

— Com certeza — respondi. — Foi encantador tornar a vê-lo. Muito obrigada por ter vindo.

Assim que ele saiu, virei-me para o Evan.

— Mentas com muita desenvoltura.

— Aparentemente não tanta quanto julgava, se me desmascaraste com essa facilidade.

— Se calhar conheço-te demasiado bem, só isso — repliquei.

Ele fitou-me por um momento e depois deu um único passo em frente. A minha respiração entrecortou-se e a pulsação começou a acelerar; quando ele esticou um braço na minha direção, mantive-me perfeitamente imóvel, à espera de um toque que nunca chegou — não era a mim que ele queria chegar, mas sim a uma garrafa de vinho.

Idiota, idiota, idiota. Mas ao menos já conseguia respirar outra vez.

— Demasiado bem? — perguntou ele enquanto servia um copo de *pinot noir* e mo passava. — Isso quer dizer que já descobriste todos os meus segredos?

Os nossos dedos tocaram-se quando aceitei o vinho que me oferecia, e estremei com a chispa de ligação que pareceu disparar por mim, desde os dedos das mãos à ponta dos dedos dos pés.

Vi o rápido clarão de reconhecimento nos olhos dele e tive vontade de me dar um pontapé. Porque não era eu quem conhecia os seus segredos — o que se passava era o contrário. E, caramba, como isso me fazia sentir confusa, exposta e vulnerável!

— Segredos? — repeti. Endireitei-me, determinada a reaver algum do controlo. — Como o mistério que justifica que mal me tenhas dirigido duas palavras durante a noite inteira? Que tenhas olhado para todo o lado exceto para mim?

Ele inclinou a cabeça como se ponderasse as minhas palavras e depois serviu-se também de um copo de vinho, do qual bebeu um trago longo e demorado.

— Estou a olhar para ti agora.

Engoli em seco. Bolas, estava mesmo. Os seus olhos cinzentos como nuvens estavam fixos no meu rosto, e eu via-lhe a tensão do corpo, como se estivesse a combater a violência iminente de uma tempestade.

Apesar do que sabia ser sensato, bebi um pouco do meu vinho. Sim, precisava de manter a cabeça desanuviada naquela noite, mas, naquele preciso instante, precisava mais de coragem.

— Pois estás — concordei. — O que vês?

— Uma linda mulher — disse ele, e tanto o tom como as palavras me deixaram o coração a bater mais depressa. — Uma linda mulher — continuou — que precisa de dar um passo atrás e pensar no que anda a fazer e porque é que o faz.

— Desculpa? — O seu tom alterara-se apenas ligeiramente, mas era o suficiente para que já não me acelerasse a pulsação. — Desculpa? — repeti, já que ele me tinha deixado tão estupefacta que parecia que eu nem conseguia conjurar outras palavras.

— Tens passado um mau bocado, Angie — disse-me. — Mereces ser feliz.

Girei o pé do meu copo de vinho entre os dedos enquanto tentava perceber qual era a dele. Ia dizer-me que poderia fazer-me feliz? A ideia provocou-me um pequeno formigueiro de expectativa, mas não acreditei nisso. Ele ora se mostrava demasiado quente, ora demasiado frio, e isso era desconcertante. Quanto a mim, não ia saber em que raio estava ele a pensar a menos que lho perguntasse sem rodeios.

— O que te leva a pensar que não sou feliz?

Ele encolheu um ombro.

— Percebo por que andas com o Warner — disse ele. — O teu pai é político, arranjas um namorado do FBI. Faz todo o sentido. A peça da filha perfeita no puzzle da imagem perfeita que compõe a tua vida.

Eu estava completamente tensa, com a garganta contraída e o peito pesado. Sentia-me como se fosse um alvo ambulante no qual ele acabara de acertar com a máxima precisão.

— Não é que isso seja da tua conta, mas o Kevin é maravilhoso — respondi num tom rígido, determinada a não lhe permitir ver que a sua farpa fora certa.

— Não — disse ele. Estávamos parados ao lado da bancada da cozinha, completamente sozinhos, à exceção dos poucos empregados que iam passando por ali para reabastecerem as bandejas. Nesse momento ele deu mais um passo em frente, e eu seria capaz de jurar que sentia o zumbido das moléculas no ar entre nós. — Para outra pessoa, talvez. Mas não para ti.

— O que é que tu sabes disso? — A minha ideia era parecer indignada, mas falhei redondamente.

— Sei bastante — disse ele, diminuindo ainda mais a distância entre nós. — Sei que precisas de um homem que seja suficientemente forte para te ancorar. Um homem que compreenda aquilo de que precisas, na cama e fora dela. — Um sorriso deliciosamente sensual insinuou-se-lhe na boca. — Precisas de um homem que só tenha de olhar para ti para te deixar a arder. E, Angie — concluiu —, também sei que o Kevin Warner não é esse homem.

Oh, céus. A transpiração acumulava-se em gotas na minha nuca. Custava-me respirar, tinha a pulsação acelerada. Sentia-me tremendamente ciente do meu corpo. Da penugem arrepiada nos meus braços. Da sensação carente e exigente no meio das pernas. Estava húmida — tinha a certeza disso. E tudo o que queria naquele instante era ter as mãos do Evan no meu corpo.

Foi necessária uma tremenda força de vontade para proferir as palavras seguintes, e ainda mais para o encarar.

— Se não o Kevin, quem? — perguntei, mas a pergunta que ficou por fazer foi: «Tu?»

Ele estendeu uma mão e prendeu-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha. O roçar suave do seu dedo na minha pele quase me derreteu.

— Acho que isso é uma coisa que vais ter de descobrir.